BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

# OLISIPO

Boletim Trimestral do GRUPO AMIGOS DE LISBOA
ANO XXVII - Janeiro de 1964 - Número 105

posso garantir
que os anúncios
nos bilhetes dos
carros eléctricos
e dos autocarros
são bons
... e baratos.
*
Peça informações
CARRIS-PUBLICIDADE
CALÇADA DA BICA PEQUENA, 4 - LISBOA 2 - TEL. 35035

64/2

PARA A SUA
FAMÍLIA...
SABONETES
Scott's
Scott's
LONDRES - LISBOA
• LAVENDER
• FERN
• TRANSPARENTE
A MARCA DE QUE TODOS FALAM

# 1300/1500

é

# fiat

vê-se de longe

Oferta
27. JUL. 1988

# OLISIPO

*BOLETIM TRIMESTRAL*

ANO XXVII — JANEIRO DE 1964 — NÚMERO 105

Director, o Presidente da Junta Directiva
FERNANDO FREITAS SIMÕES

EDIÇÃO E PROPRIEDADE DO GRUPO "AMIGOS DE LISBOA"
Redacção e Administração: Largo Trindade Coelho, 9, 1.º – Tel. 32 57 11
Comp. e imp. de Ramos, Afonso & Moita, Lda. - S. Vicente de Fora - R. Voz do Operário, 8 a 16

BIBLIOTECAS MUNICIPAIS DE LISBOA

## SUMÁRIO

Pág.

MAIS UM ANO ... 3
JOSÉ FRANCISCO DE OLIVEIRA ... 5
DADORES DE SANGUE ... 6
UMA PEÇA TURCA QUINHENTISTA EM S. JULIÃO DA BARRA
pelo *General Pereira do Valle* ... 7
A IGREJA POROQUIAL DE S. PEDRO EM ALCÂNTARA: ACHEGAS PARA A SUA HISTÓRIA
pelo *Brigadeiro Dr. Meyrelles do Souto* ... 13
NOTAS SOBRE O SÍTIO DE PEDROUÇOS
pelo *Doutor Gilberto Monteiro* ... 22
SANTO ANTÓNIO DE LISBOA
Desenho do *Arquitecto Eduardo Martins Bairrada* ... 34
NÓTULA ANTONIANA ... 35
ACTIVIDADE CULTURAL (do último trimestre de 1963) ... 36
CONVOCAÇÃO DA ASSEMBLEIA-GERAL ... 39
FEIRA DA LADRA ... 40
ACÇÃO CULTURAL DURANTE O ANO DE 1963 ... 44
SÓCIOS ENTRADOS DE JUNHO A DEZEMBRO DE 1963 ... 47
OFERTAS AO GRUPO «AMIGOS DE LISBOA» ... 48

CAPA: Igreja Paroquial do Lumiar, por *J. A. Videira*
VINHETAS de *Figueiredo Sobral* e *J. A. Videira.*

*Distribuição gratuita a todos os sócios*
*Os artigos aqui publicados são de exclusiva responsabilidade dos seus autores*

# MAIS UM ANO

*Com este número — o 105 — começa mais um ano, o XXVII da actividade desta Revista, órgão dos «Amigos de Lisboa».*

*Formam já, os seus 104 números anteriores repositório útil, variado e valioso sempre A BEM DE LISBOA, nosso lema.*

*Descurando o individual para só atentarmos no que é de todos, os da arrancada inicial devem sentir-se satisfeitos com a prova dada do dever cumprido.*

*Alguns já têm ficado pelo caminho, levados pela morte, o que tanto nos tem enlutado. A esses a nossa saudade; aos que restam e aos novos, que graças a Deus sempre vão chegando, se agradece o auxílio prestado e se espera a colaboração necessária ao prosseguimento da nossa tarefa.*

*Sempre Lisboa e por Lisboa.*

E. N.

# JOSÉ FRANCISCO D'OLIVEIRA

Nasceu em Lisboa, na freguesia do Sacramento, aqui no Carmo, em 26 de Junho de 1891. Livreiro de profissão, teve larga interferência no seu Grémio, na Feira do Livro, nas actividades tauromáquicas e nos «Amigos» onde entrou em 4 de Novembro de 1941, tendo como sócio o n.º 1 250. Foi várias vezes membro da nossa Comissão de Contas onde à data do seu falecimento, em 13 de Novembro de 1963, era Relator. Colaborou também na Secção de Movimento Cultural e Propaganda.

Apaixonado e ardoroso em tudo em que colaborava, perdeu o Grupo um eficiente amigo, assaz prestável. OLISIPO ao marcar a sua saudade, pede que Deus lhe dê eterno descanso.

# DADORES DE SANGUE

Pede-nos a «Comissão de Propaganda da Dádiva Benévola de Sangue» o apoio e a publicidade de OLISIPO para os seus fins.

A importância deste generoso movimento é salientada pela Comissão nos seguintes termos:

> *1 — Colaborar na campanha de solidariedade no sangue é contribuir para a própria segurança e para a segurança da colectividade.*
>
> *2 — Sabe porque é que todos devem dar sangue? Porque graças ao progresso da investigação científica, da técnica, da medicina e da cirurgia a transfusão de sangue salva por ano milhares de doentes, operados e acidentados.*
>
> *3 — O sangue é vida! Dar sangue é levar a saúde às Maternidades, onde as mães e as crianças esperam a transfusão salvadora; aos hospitais onde os doentes, operados e acidentados, sem essa transfusão não poderiam ser recuperados para a sociedade.*

★

Este enunciado diz tudo e OLISIPO não nega a sua publicidade para fim tão generoso e altruísta.

Que os corações bondosos e compreensivos dos nossos consócios e leitores o oiçam. Assim seja.

# UMA PEÇA TURCA
## *QUINHENTISTA*
## em S. Julião da Barra

*pelo General* PEREIRA DO VALLE

DURANTE o governo do General Bénard Guedes vieram da Índia, da cidade de Dio para o forte de S. Julião da Barra, duas notáveis bocas de fogo da primeira metade do século XVI.

Duma delas já nos ocupámos no n.º 98, de Abril de 1962, do OLISIPO, Boletim do Grupo «Amigos de Lisboa».

Referimo-nos ao leão de 48 arráteis de bala, fundido por João Vicente em 1537, sendo Governador Nuno da Cunha.

A outra é também uma boca-de-fogo semelhante, de bronze, mas de maior calibre, 66 arráteis de bala (21 cm), com o comprimento de 4,15 metros (fig. 1).

É de origem turca como se depreende de três inscrições que nela se encontram e que apresentamos nas figuras 2, 3 e 4.

Já Cunha Rivara se referiu a elas, sem no entanto esclarecer o seu significado, pois apenas as menciona nas «Inscrições de Dio».

Tentámos conseguir a sua tradução e para isso fizemos algumas diligências que não deram resultado.

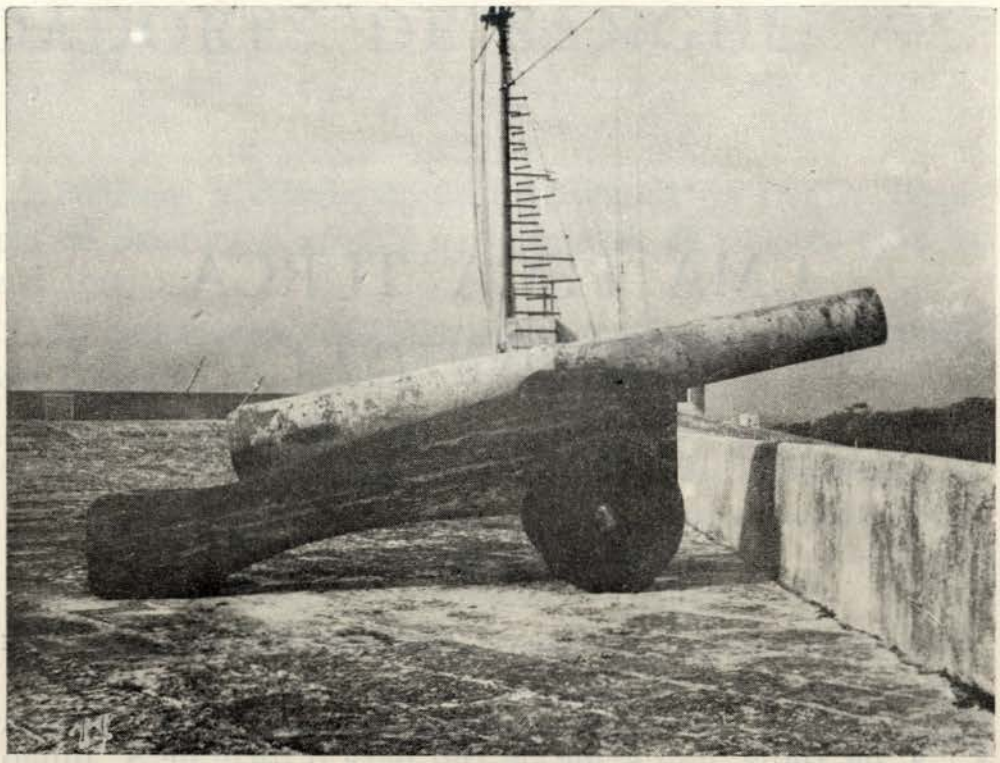


Fig. 1 — *Basilisco turco*

O seu conhecimento, no entanto, me parece que alguma importância poderia ter para a nossa História.

Quem a mandou fundir e quando?

Com que factos históricos estará relacionada?

Tudo isto e mais ainda pode estar oculto naqueles caracteres indecifráveis para nós.

★

O códice da Biblioteca da Ajuda, 51-VIII-42, que a *História Quinhentista do Segundo Cerco de Dio* transcreve, informa-nos:

«Artelharya q̃ o Sñor G.$^{or}$ tomou aos Capitães del-Rey de Cambaya quãdo descerqou esta fortaleza ... e lhe tomou a sua cidade de Dio.

Hũ basalisco gramde de metall (bronze) que tem de comprido vinte palmos e tyra de pelouro sesenta e seis harrates;

... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ...»

Temos como certo que a peça tomada aos capitães do rei de Cambaia é a mesma que se encontra em S. Julião da Barra, pois são coincidentes as medidas feitas na peça e as dadas pelo códice de Ajuda.

Fig. 2 — *Inscrição junto à boca*

Os nossos leitores avaliarão bem o valor histórico desta boca-de-fogo. Merece que deixe de estar escondida e ignorada, a arruinar-se, em S. Julião da Barra e seja exposta à admiração dos portugueses que visitam o Museu Militar,

onde deveria ter lugar destacado por vir rememorar o mais valoroso acto dos Portugueses na Índia, sob o comando do grande D. João de Castro.

Fig. 3 — *Inscrição da culatra*

É o basalisco ou basilisco uma boca-de-fogo de grande calibre, para cima de 50 arráteis de bala e é nesse sentido que na nomenclatura artilheira portuguesa de quinhentos deve ser entendido.

No entanto, com esta designação encontram-se bocas--de-fogo bastante diferentes em comprimento, só tendo de comum os grandes calibres.

Fig. 4 — *Inscrição da bolada*

Este de que nos ocupamos tem cerca de 20 calibres de comprimento, o que nos leva a incluí-lo no género canhão; outro basilisco, a peça de Dio, que se encontra no Museu Militar, com cerca de 19 500 kg de peso, de calibre 23,5 centímetros e comprimento 6,06 metros, atirando pelouro de ferro de cerca de 100 arráteis de peso, tem cerca de 26 calibres de comprimento relativo, o que faz dele uma colubrina bastarda.

Mas estas flutuações de nomenclatura nas peças antigas não as devemos estranhar; dava-se por vezes o mesmo nome a peças diferentes e peças iguais eram designadas com nomes diversos. Mas não só em Portugal como em outros países.

★

Vimos apresentar aos leitores do OLISIPO as fotografias que ao velho basilisco se referem com a esperança de que algum mais afortunado que nós consiga obter a tradução para linguagem portuguesa das inscrições ou dar indicações de alguma obra em que ela já esteja feita.

OLISIPO certamente poria as suas páginas ao dispor de quem se desse a esse trabalho.

É com essa esperança que aqui fica esta pequena notícia.

Ficaremos aguardando que as legendas confirmem ou não as nossas suposições.

# *A Igreja Paroquial de*
# S. PEDRO em ALCÂNTARA
## Achegas para a sua História

*pelo Brigadeiro Dr.* MEYRELLES DO SOUTO

REFERI-ME há pouco tempo nesta mesma revista (1), à igreja paroquial de S. Pedro em Alcântara e posso hoje trazer mais alguns pormenores.

Na *Chorographia Moderna do Reino de Portugal* (2), o coronel João Maria Baptista escreve:

«É a mesma de S. Pedro que antes do terremoto fazia parte do bairro de Alfama; uma das antigas de Lisboa. Pelas desencontradas noticias sobre a épocha de sua instituição só pode inferir-se de que já existia em 1344. Estava situada a antiga igreja parochial no bairro de Alfama pouco mais ou menos onde hoje vemos a pequena rua de S. Pedro (3). Experimentou total ruina pelo terremoto, mas parece que se fez depois na mesma antiga igreja sufficiente reparação para poder ser outra vez ali estabelecida a sede parochial, no anno de 1757. Muitos annos depois foi transferida a sede da freguesia para uma igreja de S. Pedro que existia no

---

(1) M. do Souto — «Relíquia setecentista em via de desaparição», in *Olisipo*, n.º 102, Abril de 1963.

(2) João M. Baptista — *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, Lisboa, 1872.

(3) Vai do Largo do Chafariz de Dentro à Rua de S. Miguel e pertence à freguesia da Sé. (*Roteiro Policial de Lisboa*, 1929).

sitio de Alcantara, alem da ponte, no principio da estrada (ou calçada) chamada da Tapada, ficando portanto extramuros de Lisboa e já no Concelho de Belem.»

Esta ponte, com seu forte sobre a Ribeira (depois Caneiro) de Alcântara, «junto às portas da cidade, mas na parte exterior» já assistiu, em 1580, ao combate entre D. António e o Duque d'Alba.

Solitária, nessa época, em arrabalde despovoado, com os anos foi-se rodeando de casario e de quintas; em 1743 reconstruíram-na, alargaram-na e sobre ela colocaram a estátua de S. João Nepomuceno, hoje no Museu do Carmo ([4]).

Perto, estava, desde 1617, o convento do Calvário, de religiosas franciscanas, fundação de D. Violante de Noronha, mulher de Manuel Teles de Moura. A ele fizemos referência naquele citado artigo. É hoje sede da esquadra da P. S. P. Gomes de Brito ([5]) completa o informe sobre a paroquial dizendo que se deu em 1780 a transferência da freguesia, segundo consta da «Divisão e Translação das Parochiaes Lisbonenses».

Foi de padroado régio, passou a padroado das rainhas e tinha dois beneficiados.

Fica assim rectificada e desfeita a «gralha» em que apontei como 1680 a data da mudança.

★

Devo esclarecer, a propósito, que todas as leituras citadas naquele artigo do OLISIPO foram, sem excepção, por mim feitas no original, cuidadosamente, e transcritas tais quais se podem ver.

Poderão, por isso, diferir, acaso, das de alguém mais apressado ou menos escrupuloso. É o caso da legenda do padrão do Chão Salgado, em Belém, erecto para amaldiçoar

---

([4]) M. do Souto — *Médicos e Santos*, 1945.

([5]) Gomes de Brito — *Ruas de Lisboa*.

a memória do Duque de Aveiro, D. José de Mascarenhas, e que Gomes de Brito (nonobstante consciencioso investigador) reproduziu erradamente.

Mantive com o maior rigor a divisão das linhas e a ortografia respectiva, mas não pude evitar, todavia, na imprensa, uns pequeninos enganos, aliás de somenos importância. Assim: a terceira linha termina com a palavra «sentença» completa; «cummullado» e «terreno» têm as consoantes dobradas; a data é «3 de Setembro».

Quanto ao mais não há diferença alguma: está conforme o original; comprovei-o.

★

Revertendo à paroquial de S. Pedro em Alcântara (e esta preposição, além do mais, significa a sua vinda do local anterior para o actual e evita a confusão com S. Pedro *de* Alcântara, perto do Príncipe Real), tenho o prazer de poder, por especial gentileza do actual Prior, P.e João Gonçalves (amigo a quem muito quero e agradeço) dar a reprodução de dois documentos, os quais vêm reforçar e esclarecer quanto ficou dito acima.

★

Pelo documento n.º 1, a Rainha Dona Maria Primeira faz doação perpétua do terreno contíguo à Real Quinta de Alcântara, em data de 12 de Abril de 1780:

«... por Esmolla ao Juiz e officiaes da Meza da Irmandade do Santissimo da Freguezia de São Pedro em Alcantara» para se «erigir e fundar a sobredita Igreja com todas as officinas que lhe forem convenientes e necessarias, por se acharem sem Igreja propria, para celebração do Divino Culto e Funçoens Parochiaes.»

«Paçou-se» (*sic*) (este diploma) por Decreto de Sua Majestade de 9 de Março de 1780.

E pelo facto de «ser Mercê feita por esmolla não pagou direitos de Chancellaria».

Foi o que bem pode chamar-se: presente régio e règiamente ofertado.

Pelo mesmo documento se vê: «a freguesia de S. Pedro (era) antigamente denominada de Alfama e ora trasladada para o sitio de Alcantara.» E como não tinha igreja própria visto «não poder subsistir na pequena Capella em que 10 de Maio de 1780, no «Citio (*sic*) de Alcantara do Terreno interinamente se acha» e «não havendo o Juiz e officiais da Meza da Irmandade do Santissimo Sacramento da mesma freguesia descoberto ... lugar algum accomodado e proprio ... que não seja no Terreno contiguo à Minha Real Quinta de Alcantara, e de que he pertença» a Rainha fez «perpetua doação e por Esmolla do terreno».

Nota-se que «este se acha devidido com muro e serventia separada» da quinta, o que foi examinado pelo doutor João Roiz Villas e pelo tenente-coronel de infantaria com exercício de engenheiro Pedro Gualter. Puseram-se «as balizas necessarias para que no dito terreno, como seu, se erija e funde a sobredita Igreja».

Para este efeito meter-se-á a Irmandade na posse do mencionado terreno e lavrar-se-ão «os autos na forma da Ley e do Costume», indo um dos duplicados para a Torre do Tombo e ficando o outro na posse da Irmandade.

Assina a Rainha e rubrica o Conde de Azambuja.

★

O segundo documento é o auto de posse, com data de Contiguo à Real Quinta de Sua Magestade».

O almoxarife João Soares Espinoso esteve presente com o «Juiz e mais officiaes da Irmandade do Santissimo Sacramento da freguesia de Sam Pedro»: era o primeiro o Conde da Ponte, mordomo-mor, e escrivão da «Menza»

Dona Maria por Graça de Deus Rainha de Portugal, e dos Algarves, da quem, e dalem Mar em Africa, Senhora de Guiné, e da Conquista, Navegação Comercio da Ethiopia, Arabia, Persia, e da India &c. Faço saber ao que esta Minha Carta de Doação virem; que sendo Consideração a que a Freguezia de Saõ Pedro antigamente denominada de Algama, e ora trasladada para o sitio de Alcantara, se achava sem Igreja proprio para a celebração do Divino Culto, e Exercicio das Funcções Parochiaes, e não poder subsistir na pequena Capella, em que interinamente se achava colocada: E que não havendo Juiz e Officiaes da Mesa da Irmandade do Santissimo Sacramento da mesma Freguezia descoberto no referido sitio lugar algum accomodado, e proprio para se edificar aquella Igreja, que não seja no Terreno contiguo a Real Quinta de Alcantara, e de que se pertence, pertoque della se acha cercado com muro, e serventia separada: me terem supplicado que lhes fizesse mercê daquella porção do referido Terreno que bastante fosse para se edificar a esta Igreja: Querendo Eu favorecer a sobredita Irmandade em causa tão Pia, e tanto de serviço de Deus: Hei por bem, e por Esmola fazer perpetua Doação do Terreno que a este fim, e no declarado sitio me mandei examinar pelo Conde Sant'Ivan Villar, e pelo Tenente Coronel de Infantaria com exercicio de Engenheiro Pedro Gualter, no qual prezente a Irmandade supplicante, se tem as balizas necessarias para que no dito Terreno, como seu, em virtude desta Minha Real perpetua Doação, se erija, e funde a sobredita Igreja, e mais todas as Officinas que lhe forem convenientes, e necessarias. Me tendo Eu por este effeito a referida Irmandade na posse do mencionado Terreno, e Lavrando-se della os Autos na forma da Ley, e do Costume em dois diversos duplicados, hum dos quaes com esta Carta de Doação ficará para seu Titulo, e outro com a Copia Autentica da mesma Carta será remettida ao Meu Real Archivo da Torre do Tombo. Pelo que Mando a todas as pessoas a quem o Conhecimento desta pertencer lhe dem posse do dito Terreno para fundação da dita Igreja com todas as Officinas que lhe forem convenientes, e necessarias, com todas as Solemnidades precizas na forma da Ley, e do Costume, como dito he; e não pagarão nos direitos por ser Esmolla, como consta por certidão dos Officiaes delles, que se compreo ao assignar desta Minha Carta de Doação, que se cumprirá tão inteiramente como nella se contem, e por firmeza de tudo Mando dar ao Juiz e Officiaes da Mesa da dita Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Saõ Pedro em Alcantara por Mim assignada e selada com o sello pendente, que será registada nos livros das Mercês, Minha Chancelaria e Fazenda; e no registo de Decreto, porque esta se arrecadou, se porá verba necessaria. Lisboa dez de Junho de mil sette centos e oitenta

A Rainha

O Conde de Ayrunha

Carta de Doação perpetua do Terreno contiguo a Real Quinta de Alcantara a que se pertence, a que S. Magde Ha por bem fazer Mercê, por Esmolla ao Juiz e Officiaes da Mesa da Irmandade do Santissimo Sacramento da Freguezia de Saõ Pedro em Alcantara, para que no dito Terreno, como seu, se erija, e funde a sobredita

Igreja com todas as Officinas que lhe forem convenientes e necessarias, por estas serem
sem Igreja propria para celebração do Divino Culto, e Funções Parochiaes, como nesta se
contem.

Lasceis por Decreto de Sua Mag.de
de 9 de Maio de 1780. Registado
a p. 37 v.º

... e Sua margem do registo do Decreto por virtu
de do qual se lavrou esta Carta fica posta a
Verba necessaria. Torre Tombo dia 7 de
em 24 de Abril de 1780.

Joaquim Guilherme da Costa Pereira

.... Fica assentada esta Carta
no Livro das M.ces e Prog. e Ordens
Camporlide a 28 de Abril de 1780.

Lourenço Pinto de Moraes Sarm.to

Muito obrigado Brandão de Mendonça

Ant.o Ribeiro de Brandão Conserv.or

Não pagou Direitos de Chan.ria
por ser esta M.ce feita por esmolla
como o Rey. Seis cruzados de Rp.a
29 de Abril de 1780

Dom Dis.o Ant.o

A p. 132 do Liv.o 68 do
Registo da Chan.ria fica Dep.da
esta Carta de Doação. Lis.a
2 de Mayo de 1780

Gonçallo de Mel.o aes.

Gonçallo d. Mel.o

Documento n.º 1 — *Carta de doação do terreno para a Igreja de S. Pedro em Alcântara*

António Martins Torres, cavaleiro professo na Ordem de Cristo.

O terreno já estava murado todo em roda e confrontava: «pela parte Norte com a via publica que vay de Alcantara para a freguesia de Nossa Senhora da Ajuda e por este lado tem de comprido duzentos e sessenta palmos; pelo poente e sul com a dita Real Quinta de Sua Magestade e por este lado tem de comprido quatro centos e oito palmos».

Pelo nascente confinava com várias casas de particulares, mencionados explìcitamente no texto.

Entrou o Juiz e os oficiais e tomou posse «passificamente (*sic*), sem contradição de pessoa algũa, cortando ramos das arvores, pondo as mãos pellas paredes dos muros e fazendo todas as serimonias (*sic*) que em direito se requerem».

O escrivão lhes deu «a dita posse Real actual civel e natural com todas as solinidades (*sic*) do mesmo direito e sem que nele falte algumas circonstancias (*sic*) a bem da ditta (*sic*) posse».

Assinam o Conde Mordomo-Mor Juiz; o referido almoxarife; o escrivão do auto Joaquim António de Brito; as testemunhas Martinho José Estêvão Madeira, oficial de boticário, e João Teixeira; e os mais membros da Irmandade: José António Dâmaso; Francisco Delaage; Pedro da Costa Maya; Manuel Gomes da Silva; Luiz Caetano Ribeiro; José Gomes da Costa, todos mordomos; António André, procurador-geral, e Manuel dos Santos Lisboa (?), thezoureiro.

★

Bem mereceu o epíteto de «Piedosa» a excelsa Rainha Dona Maria Primeira, a cuja generosidade e espírito de fé viva se ficou devendo a fundação da paroquial de S. Pedro em Alcântara, dos nossos dias.

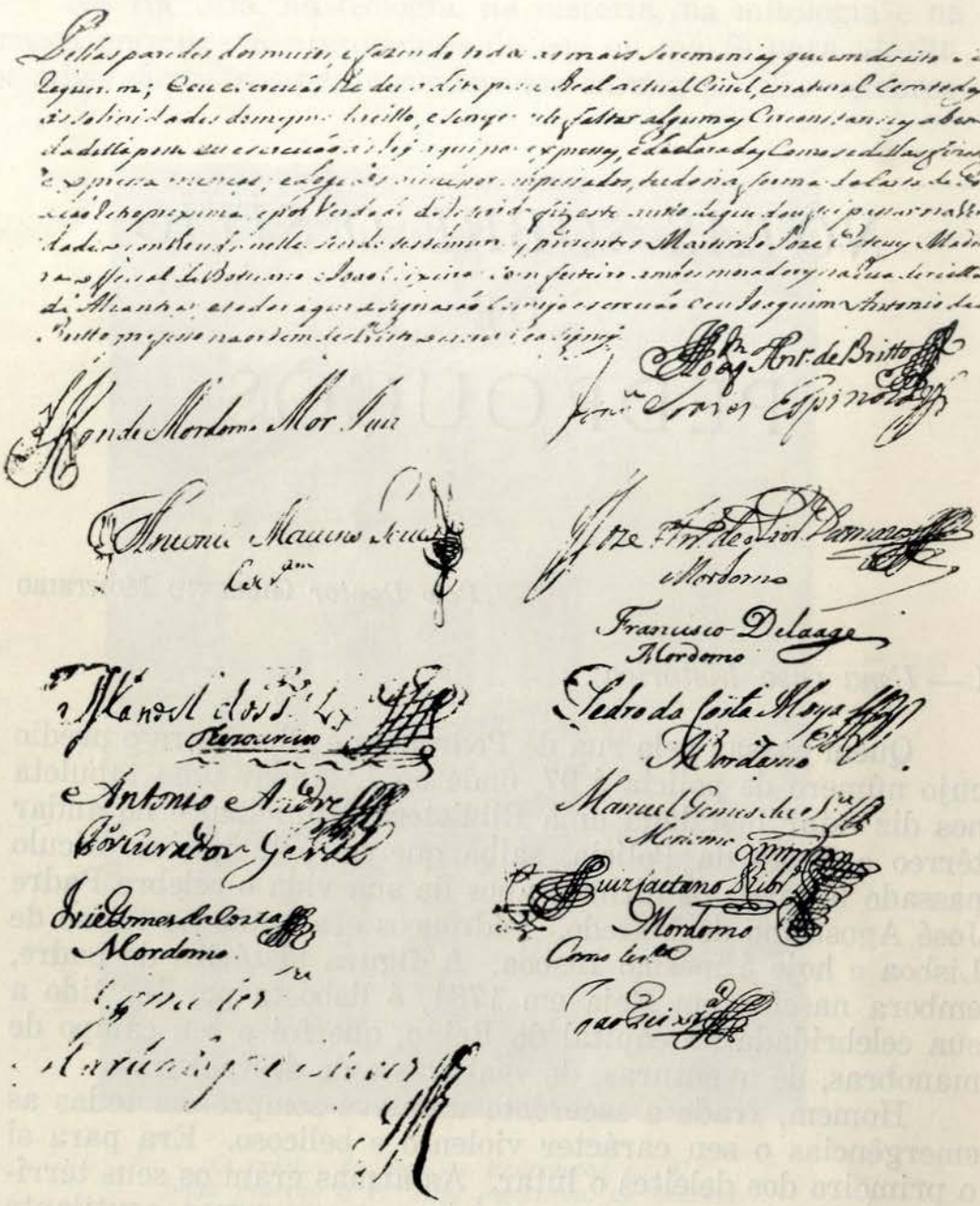
Rda
Dig. val Dr. Mor da Corte e Rzo
vist de Cpa e Mcia a 8 8ro 1729
do. Vist de 1780

Serviuno Snor Cnl da Mra

(Auto de posse.)

NNO do Nascimento de Nosso Senhor Jezus Christo de mil e setecentos, e oitenta annos, aos tres dias do mez de Maio do dito anno nesta Cidade de Lisboa no Citio de Alcantara e Terreno Contiguo a Real Quinta da Magestade, a qual se intimou a João Soares Espinhosa ~~[illegible]~~ para se achar presente o dito Almoxarife para o effeito de dar posse do mesmo Terreno no dito, e mais o effeito da mesma da Mandade do santissimo Sacramento da Igreja de Santa Pedro em virtude da doação que do dito Terreno lhe fez a Rainha Nossa Senhora para e de fazer Igreja propria para a celebração do Divino Culto e as precisas Funcções Parochiaes pella não ter sua propria; e que todo o contheudo na carta de Doação que me foi apresentada pello escrivão da mesma Antonio Moreira Corrêa Cavalleiro professo na Ordem de Christo, e qual se acha murado todo em dois e pella parte do norte com hum publico que vai de Alcantara para a freguezia de Santa Izabel de Ajuda, e por este lado tem de comprido duzentos, e oitenta palmos, e pello Oriente está com a dita Real quinta de sua Magestade, e por este lado tem de comprido quatro centos e oito palmos, e pello Nascente com o muro de Francisco da Cruz, e do Beneficiado João Alberto, e da Dona Margarida Ursula Vanzeler e de outro Pedro de Legiria do convento de Santo Hieronimo, e de Antonio Ferreira Leguinho e de Pedro da Costa Moia, e outro do dito Francisco da Cruz, e por este lado tem de comprido quatro centos e quarenta palmos; E achando-se tambem presentes o Illustrissimo e Excellentissimo Senhor da Ponte Mordomo mor de sua Magestade como Juiz da Mandade e os mais officiaes da mesma abaixo assignados por elle mandado em virtude da doação que sua Magestade Celestissima fez ao dito Terreno da Rainha Nossa Senhora para; E como feito entrando nelle sua Senhoria por dois mais e particularmente, e concentrados depois em hum [illegible] terra para se ir entrando [illegible] dos mais pelos pare-

des



Documento n.º 2 — *Auto de posse do terreno para a igreja de S. Pedro em Alcântara*

# *NOTAS SOBRE O SÍTIO* DE PEDROUÇOS

*Pelo Doutor* GILBERTO MONTEIRO

## I — *Uma casa histórica*

Quem passar pela rua de Pedrouços e olhar para o prédio cujo número de polícia é 97, onde no 1.º andar uma tabuleta nos diz estar instalada uma Biblioteca Municipal e no andar térreo o Posto da Polícia, saiba que no princípio do século passado lá viveu os últimos anos da sua vida o célebre Padre José Agostinho de Macedo. Pedrouços era então no termo de Lisboa e hoje é mesmo Lisboa. A figura histórica do padre, embora nascido em Beja em 1761, é lisboeta por ter tido a sua celebridade na capital do Reino, que foi o seu campo de manobras, de aventuras, de venturas e de desventuras.

Homem, frade e sacerdote manteve sempre em todas as emergências o seu carácter violento e belicoso. Era para si o primeiro dos deleites o lutar. As armas eram os seus terríveis panfletos em versos gongóricos ou em prosa acutilante e por vezes obscena; eram os seus sermões, mais ou menos religiosos mas certamente pouco místicos, ditos do alto do púlpito de qualquer igreja e eram os periódicos da época, jornais ou folhetos, que, justo é dizer, eram disputados pelo público.

Na filosofia, na teologia, na história, na mitologia e na crítica encontrava argumentos de boa ou má fé para atacar os adversários sempre considerados inimigos. São célebres

*O prédio da Rua de Pedrouços n.º 97, onde morreu o P.ᵉ José Agostinho de Macedo*

as polémicas que manteve em prosa e em versos explosivos e quixotescos, com outros poetas e com políticos, despejados de ideias, de expressões e de vocabulário, sem guardar o mais leve resquício de pudor devido à sua situação de eclesiástico.

Vivia-se em Portugal em uma atmosfera de desvairo político-social; a revolução francesa, as invasões napoleónicas e as guerras civis do constitucionalismo dementavam a Nação. Literàriamente dominava o arcadismo.

O padre Agostinho de Macedo cultivou com esmero o ódio às ideias da revolução francesa, aos pedreiros-livres, aos maçons, à liberdade e a tudo que cheirasse a progresso. Exasperava-o o lembrar-se de D. Pedro, de sua filha, da Carta Constitucional e de todos os liberais, os malhados, que o inspiravam a publicar os mais inflamados e sanguinários dos seus panfletos, em geral em versalhadas intermináveis:

«Vacilam os tronos enquanto não pernearem na forca os pedreiros.»

Ou entre muitos outros ditos este ainda referindo-se aos liberais:

«Ladrões de estrada que a forca mui raramente tem a honra de ver elevados à sumidade dos seus magestosos degraus.»

Assim falava o sacerdote que entendia a liberdade só para si. Ele e Bocage atacavam-se um ao outro e constantemente. Macedo chamava-lhe irònicamente o «Sultão do Parnaso Português»; epigramas e sátiras sucediam-se com gáudio da multidão de poetastros e de todo e qualquer desses muitos janotas que vadiavam na Lisboa de então, conventual e rufiona.

A cidade como todo o Reino respirava o terror longínquo do centro da Europa; nas ruas e vielas, de noite as rondas do Pina Manique passavam na esperança de catrafilar alguns pedreiros-livres; pelas esquinas das turtuosas vielas do Bairro Alto ou da Mouraria esgueiravam-se frades temendo ou fingindo temer a polícia; assaltos e rixas entre marujos e chulos, lá para as bandas do Cais do Sodré ou de Alfama; mas todos estes casos eram indiferentes aos agentes do Intendente a quem só preocupava o contágio e a divulgação das ideias da Revolução e nada interessava o estado da cidade onde as vias públicas eram campo de manobras de milhentos

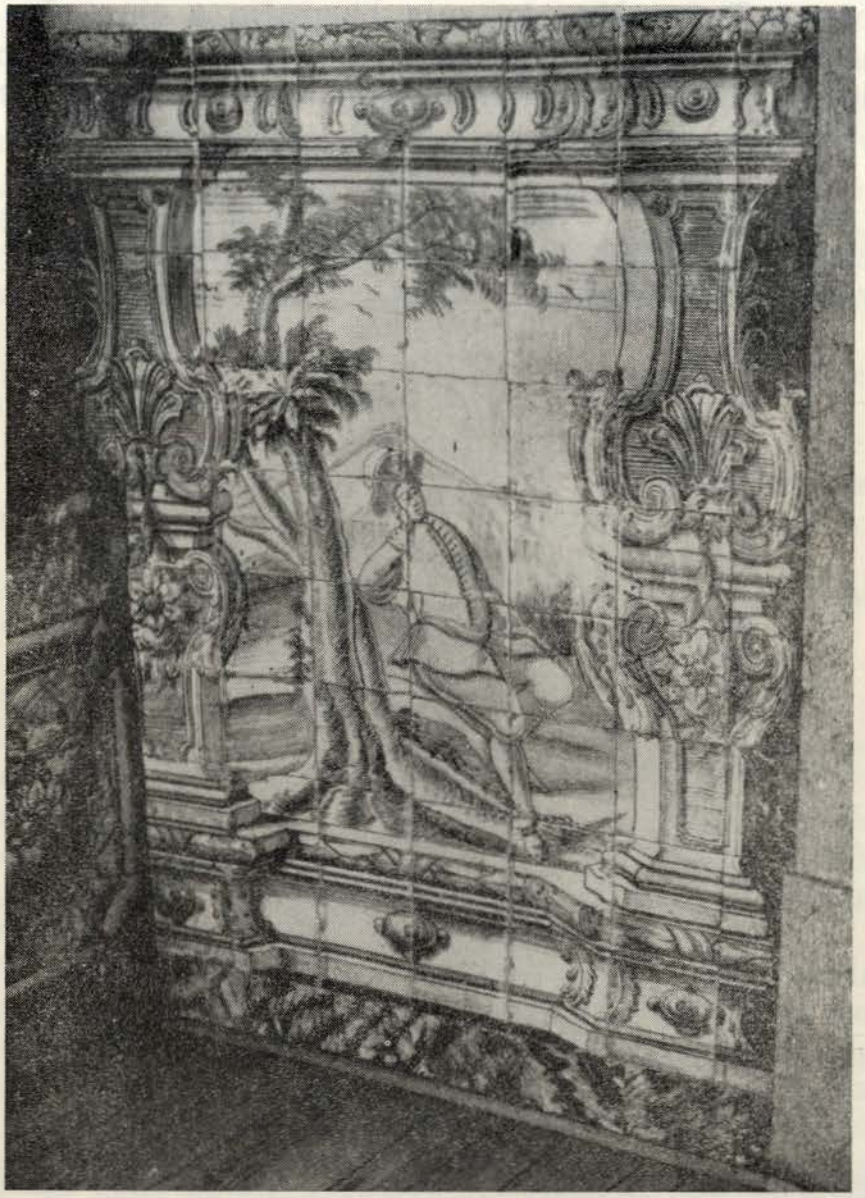
cães vadios o único recurso para consumir os despejos de imundices que das portas e janelas se faziam para a rua.

Voltemos a focar a atenção em Pedrouços e no polígrafo célebre, o Padre Macedo, cuja biografia e obra são assaz conhecidas, para nele reconhecer uma grande cultura humanística sem deixar de verificar os maus costumes que também

*Um belo painel de azulejos na escada do prédio de Pedrouços*

o celebrizaram, arruaceiro, brigão e libidinoso. Olhemos a casa de Pedrouços, a última mansão do lutador que jamais se considerava vencido, o andar nobre servido por cinco janelas sacadas em harmonia com outras cinco janelas de peito do andar de cima, um conjunto agradável de uma cons-

trução do século XVIII sem grandiosidade, impondo-se sòmente pela modéstia que hoje lhe esconde a velhice decente. O que



*Outro painel do mesmo prédio*

há de belo existe na escada e no salão do 1.º andar e são os azulejos que forram as paredes como um silhar, ricos de

desenhos e de cor, a representarem uma caçada ao javali, possìvelmente nas propriedades do Ribatejo do Duque de Cadaval. Logo ao abrir da porta da rua, em frente de quem entra, na parede azulejada está a figura dum soldado, como sentinela de honra, calção, meias e sapatos, sobrecasaca de alamares, a cabeça nua com a peruca encanudada, e chapéu (um tricorne) entalado entre o tórax e o braço; por detrás do vulto adivinha-se o espadim. Uma alabarda cruza o corpo como uma diagonal. A mão direita livre faz o gesto de convidar a entrar. É um quadro de azulejo relativamente vulgar nas casas de Lisboa do século XVIII. Reproduzimos alguns aspectos destes azulejos.

Nesta casa morreu a 2 de Outubro de 1831 o Padre Agostinho de Macedo, o homem que noutro ambiente teria sido grande e útil. Extraordinária memória, inteligência e argúcia notáveis fundamentaram a sua erudição. Palavra fácil, saúde e resistência física à prova de todas as inclemências da vida agitada e imoral que sempre levou, foi a personalidade produzida por uma sociedade em decomposição moral; sentindo-se superior aos que o rodeavam, desprezando os escrúpulos, não temendo sanções, esteve sempre a coberto de justiça, dada a sua situação de clérigo, tendo quantas vezes sabido jogar com os interesses e prestígio da Igreja em seu próprio favor. Só em muito novo foi castigado, com a expulsão da Ordem dos Agostinhos, o que lhe deve ter agradado imenso. A morte foi precedida por longo sofrimento, sempre acompanhado dedicadamente por uma freira que ele em bons tempos raptara e a quem chamava irmã. Foi talvez o seu único romance doce!

Recebeu todos os sacramentos devidos a um bom cristão, ele um sacerdote e pregador régio. O seu cadáver foi conduzido, em coche real, ao convento das freiras Trinas no Rato onde foi sepultado. Aos ofícios fúnebres assistiu a Majestade: escusado seria dizer, era Dom Miguel.

A casa de Pedrouços lá está a atestar como monumento a passagem terrena de alguém de quem não poderemos dizer que não haja sido grande numa época em que em geral todos eram pequenos. A casa, essa era mais pequena, isto é, mais

baixa visto que o seu 3.º andar é relativamente recente, obra de um qualquer construtor hábil. Esperemos que a fúria das demolições a não atinja; quanto ao Padre, paz à sua alma, se isso for possível!

II — *Pedrouços, 1873...*

É na Feira da Ladra que se encontra o que se não procura. No nosso caso de hoje (que, pelo seu interesse, destacamos da secção do mesmo título de OLISIPO) são notícias frescas a expor de Pedrouços, de 1873, colhidas na secção mundana, melhor dizendo na secção «High Life» do jornal *Diário Ilustrado.*

Estava-se no Verão, nos saudosos tempos dos verões quentes; a população lisboeta era afinal como a de hoje amiga de água e ar fresquinho, mas os transportes não lhes facilitavam os devaneios para longe e os mais elegantes contentavam-se com a *borda do mar* alfacinha; a borda eram as preciosas praias que bordavam a cidade desde Xabregas a Algés, hoje muralhas; o mar era o nosso Tejo um pouco mais largo que hoje desde que lhe regularizaram as margens. Banhos só os tomavam os que se julgavam doentes, escrofulosos ou simplesmente linfáticos. Eram em geral as crianças e as meninas namoradeiras, nas praias ou nas «barcas», estas afastadas das margens e còmodamente ancoradas em frente do Terreiro do Paço ou do Cais do Sodré. Os banhos de «mar» das praias os mais célebres eram em Belém e Pedrouços.

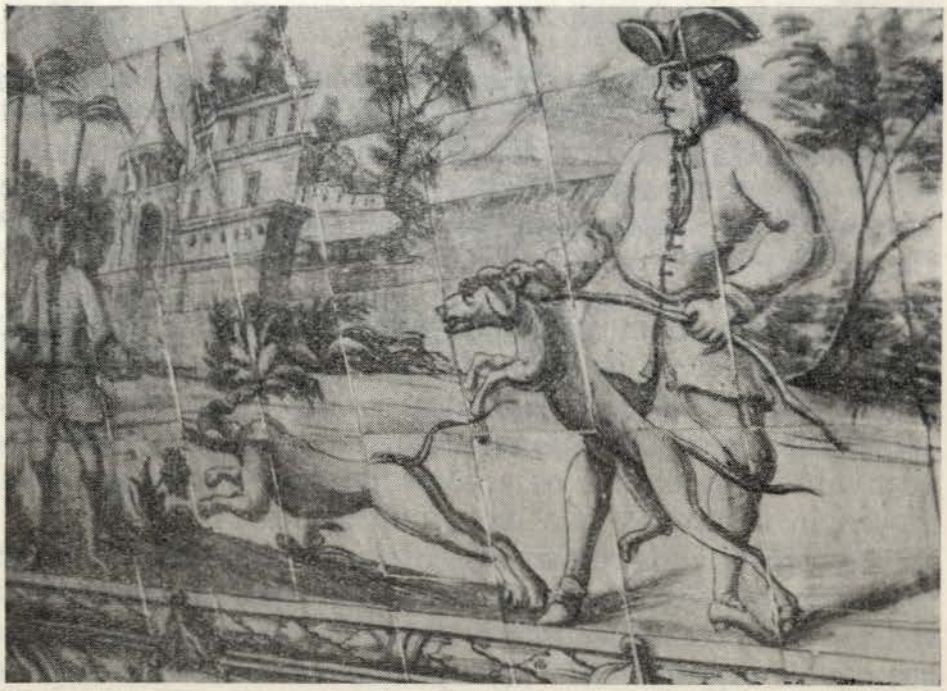
Consultemos o famoso periódico acima citado.

Em 31 de Julho, ele diz:

«Partiu ontem para Pedrouços a Sr.ª Viscondessa de Algés e seu Filho, primeiro oficial da secretaria do Ministério das Obras Públicas.»

Em 14 de Agosto:

«Vai pròximamente para Pedrouços, com a sua Família, o sr. Conde de Casal Ribeiro.»



*Mais dois espécimes da decoração de azulejos do mesmo imóvel*

Em 19 de Agosto:

«Estão em Pedrouços o sr. Fortunato Chamiço e sua Esposa.»

Belém fazia concorrência; um pequenino «suelto»:

«Está em Belém com a sua Família em uso de banhos de mar o sr. Arbués Moreira, chefe de repartição no Ministério da Guerra.»

A estação balnear prolongava-se. Dizia-se que os banhos de Setembro eram os mais eficazes, para as escrófulas e para arranjar casamento. Este mês e o de Outubro propinavam os grandes mergulhos, evidentemente com alguns tratamentos adjuvantes, os bailes, os «pic-nics», as serenatas, e a minha inocência século XX não me ajuda a citar mais.

A 10 de Outubro o nosso informador cita um «pic-nic» realizado na Quinta do Arriaga em Oeiras, pertencente ao Dr. Pereira Forjaz, cedida a um grupo de senhoras de Pedrouços «que o organizou». O grupo que o cronista correspondente chama «rancho», talvez para reforçar o «pic-nic», saiu de Pedrouços em «char-à-bancs», «breaks» e burros.

Em 19 de Outubro ainda o nosso informador nos diz:

«Verifica-se hoje em Pedrouços uma regata de natação promovida por vários cavalheiros que ali têm estado a banhos. Os prémios aos vencedores são pecuniários.»

Devemos elucidar que os banhistas só excepcionalmente iam além dos 3 mergulhos e de pé na areia. Os *regateiros* eram marítimos e banheiros, e as suas proezas eram realizadas em «chatas». Que grande espectáculo!

Projecta-se um baile de «subscrição» por banhistas que se encontram em Pedrouços. «É mais uma distracção para a Sociedade que ali se acha»; assim o mesmo correspondente daquele jornal informa na ânsia de animar a ilustre colónia banhista e vender o jornal. Era fatigante como são sempre as estadias de repouso fora do nosso penates. O baile não teve história nos números seguintes do *Diário*, pelo que atrevemo-nos a supor que se tenha realizado no Hotel Tejo,

a casa que ficava na travessa da Torrinha e era a última do lado sul e esquinava com a rua dos Cordoeiros. A vila Garcia, que mais tarde originou a fundação de um clube, era uma das melhores edificações locais, com boas salas capazes de receber todos os festeiros banhistas e «roletistas», desporto muito antigo e o mais internacional, absolutamente «aliciante» — neologismo que seduz pela propriedade e oportunidade.

Os nossos banhistas, de quando em quando, escorregavam e *vá disto*, e ei-los de cabeça perdida na desforra dum ano de pacatez.

«Ontem foi tal a concorrência à feira de Belém que difìcilmente se podia transitar ali. Os vapores do sr. Burnay que saíam de Belém iam todos cheios de passageiros.»

Esta notícia é evocativa duma figura de Lisboa, grande pelas suas iniciativas: Burnay. É ainda interessante por nos vir lembrar a típica feira de Belém. Lá caía meia Lisboa a rir, a gozar, esquecer as mágoas, com os espectáculos da feira e com a própria feira e os «robertos», as pulgas mestras, os cavalinhos e ainda as sardinhas assadas com pimentos e mais as farturas, e como quem não tem cabeça não paga nada vai toda a gente. Pedrouços tinha na feira de Belém o seu lugar marcado e garantido pela proximidade.

Outubro marcava o fim das férias, era o desmancha-prazeres; as escolas, então como hoje, reabriam para as crianças para quem a folgança terminara. Acabava o sonho e a realidade impunha-se com a entrada nas suas casas.

15 de Outubro:

«Regressou ante-ontem de Pedrouços, onde estava a banhos, e sua família, o nosso colega o sr. Eça de Queiroz.»

Nesta notícia a arrumação das palavras deixa mal colocado o jornalista correspondente e a pretensiosa palavra «colega» não estabelece a possibilidade de o considerar dentro da mesma classe. Eça tinha sido nomeado cônsul em Havana em Dezembro do ano anterior e já estava a veranear em

Pedrouços alguns meses depois. Com as dificuldades de transportes desse tempo, custa a acreditar ou pelo menos a compreender. Coisas dos jornais...

O *Diário Ilustrado* que já em Setembro, a 18, nos dera a agradável nova, diz agora:

«Fez-se a noite passada a segunda experiência do Caminho de Ferro Americano. Duas carruagens sairam do Aterro, com muitos convidados. Eram puxadas por uma parelha de muares; a experiência correu bem, sendo saudada por muitos espectadores que aguardavam a passagem dos carros.»

Em 18 do mês de Outubro a Câmara Municipal de Lisboa recebe a proposta para o estabelecimento e exploração dos carros americanos com partilha dos lucros entre as duas entidades:

15 de Novembro:

«Está definitivamente marcado o dia 17 do corrente para se inaugurar o caminho de ferro americano nas ruas da capital. É um melhoramento importantíssimo em que o público tem tudo a lucrar e muito enobrece os cavalheiros que o puseram em prática. Há um jantar de duzentos talheres no Palácio das Janelas Verdes.»

Neste palácio, onde está actualmente instalado o Museu Nacional de Arte Antiga ia cevar-se a guloseima habitual dos patriotas e dos politiquetes, os cravas do costume. E o nosso jornalista, o colega de Queiroz, teria sido convidado?

O Pedrouços de hoje, servido por boas ruas, como a Avenida Marginal, as do bairro do Restelo e da encosta da Ajuda, por onde correm à vontade comboios, trâmueis eléctricos, autocarros, todas as viaturas de todas as categorias, tem transportes tem ligações e tem sobretudo beleza. O pequeno burgo que foi estendeu-se para o norte, ocupa toda a encosta até confundir-se com o soberbo Parque Florestal de Monsanto e exibe já mais belo conjunto arquitectónico e urbanístico de Lisboa. Para o sul, um enorme aterro valoriza o sítio de Pedrouços com o único verdadeiro porto de pesca nacional. Do antigo restam algumas casinhas que outrora

os banhistas ocupavam; do Palácio e Quinta do Duque de Cadaval resta uma parte da mata e no lugar das construções está instalado com todas as comodidades e bom gosto o Instituto dos Altos Estudos Militares. Do lado de Lisboa serve de marco histórico o elegante chafariz do Largo da Princesa, D. Maria Francisca Benedita, essa princesa, que foi irmã de D. Maria a Primeira. Há muito tempo desapareceu e não deixou saudade o que restava do seu palácio.

O velho Pedrouços romântico resta sòmente na nossa memória e como ele tantos outros cantinhos de Lisboa.

Na sua obra *As Praias*, Ramalho Ortigão — sempre bom observador — considerou-o a «mansão oficial da vilegiatura burocrática de Lisboa» e pelo que o *Diário Ilustrado* nos diz, isso confirma-se.

Fotografias da Dr.ª D. Suzanne Rop Monteiro

Desenho do Arquitecto Eduardo Martins Bairrada

oferecido ao Grupo «Amigos de Lisboa»

# Nótula Antoniana

A amável e valiosa oferta, que o Sr. Arquitecto Eduardo Martins Bairrada se dignou fazer aos «Amigos de Lisboa» — o primoroso desenho a nanquim reproduzido na página anterior — justificaria, só por si, que nova referência se fizesse neste Boletim a Santo António, glória da nossa querida Lisboa, seu berço.

Esta alusão não se limita, porém, a assinalar o recebimento da bela obra, pois serve também para registar o aparecimento de duas espécies bibliográficas antonianas: uma delas devida precisamente ao mesmo distinto Artista, que sob o título de «Colectânea Antoniana» publicou em *A Voz do Operário* (número comemorativo do 84.º aniversário do jornal) extenso e muito apreciável artigo em louvor daquela insigne figura; outra, da autoria do erudito escritor e professor Rev. P.e Henrique Pinto Rema — a notável conferência sobre «Santo António e a cultura da Idade Média» proferida, em 22 de Junho de 1961, na sede do Grupo «Amigos de Lisboa», inserta no número acabado de distribuir (41.º, de Julho-Setembro de 1963) da revista *Itinerarium*.

Há poucas dezenas de anos, um eminente homem de letras lamentava-se de que a bibliografia concernente a Santo António não estivesse em harmonia com o valor do nosso tão célebre compatriota. Profunda modificação, porém, se operou, pois a par de estudos de erudição são frequentes as obras de divulgação, que têm também acentuado mérito quando criteriosamente elaboradas. Cada uma das espécies a que estamos aludindo tem lugar de relevo nesta divisão de orientações, pelo que sinceramente aplaudimos os seus ilustres autores.

*S.*

# ACTIVIDADE CULTURAL

## *do último trimestre de 1963*

Foi algo menos operosa a actividade cultural do último trimestre, por motivos óbvios, que têm explicação plausível, como adiante se verá.

Em 25 de Outubro, o Grupo, com o embandeiramento das suas janelas associou-se à data comemorativa da tomada de Lisboa, e telegrafando a Sua Excelência o Senhor Presidente da República fez pública profissão de fé patriótica, saudando o Chefe do Estado — lisboeta ilustre — pela sua triunfal viagem de soberania a Angola e S. Tomé, no transe grave que a Nação atravessa e se Deus quiser há-de superar. Cumprimentámos também o nosso ilustre consócio o Senhor Presidente da Excelentíssima Câmara Municipal de Lisboa pelo notável e eficiente incremento da iluminação da Cidade e dos seus monumentos e pela oferta feita à Cidade da fonte luminosa e monumental da Praça do Império, em Belém. Demonstraram assim os «Amigos» acompanhar sempre com interesse o que Sua Excelência tem feito a bem de Lisboa, sua terra natal.

Em Novembro, a 9, pelas 19 horas, na nossa sede, foi aberta ao público, que largamente concorreu, uma apreciada exposição de *Postais Ilustrados sobre Assuntos de Teatro* da colecção do nosso consócio n.º 3 188, Sr. Marcial Pereira Mendes, a que esteve presente a RTP, que a reproduziu em parte nos seus programas, e a Imprensa deu merecido relevo.

A 22 do mesmo mês, em três autocarros da Companhia Carris e numerosos automóveis, umas centenas de sócios e suas famílias deslocaram-se a Linda-a-Velha, em visita à Fábrica «Tofa» a ver os novos maquinismos destinados ao fabrico de cafés descafeinados e solúveis. Os visitantes — a quem gentilmente foram oferecidas embalagens dos produtos fabricados — foram recebidos na sala da gerência pelos administradores Srs. Rui Soares Franco e Miranda Esteves, que os cumprimentaram, tendo agradecido o Director Secretário-Geral que acompanhou a visita. Em turnos, acompanhados por funcionários superiores da empresa, foram percorridas todas as dependências da fábrica, que a todos muito interessou.

Em Dezembro, o Director Secretário-Geral, a despeito de já doente, realizou na sede, em 12 pelas 22 horas e sob a presidência do nosso consócio Sr. Almirante Nuno de Brion, secretariado pelo Dr. Félix Machado, Pai e pelo Presidente da Comissão de Contas Sr. Mário Costa, a sua anunciada conferência — incluída nas Comemorações Bartolomeanas — sobre *D. Frei Bartolomeu dos Mártires, natural de Lisboa.* Focou o conferente, sobretudo, essa qualidade do Arcebispo Primaz e o alto conceito em que a tinha, pois assim o registou nas actas do Concílio de Trento e o mandou inscrever no seu epitáfio no túmulo de Viana do Castelo. Teve larga concorrência e a ela se referiu a Imprensa com relevo.

Três tentativas goradas tornaram menos vultuosa a actividade cultural — a visita aos estaleiros da construção da Ponte sobre o Tejo, prometida agora para o corrente mês de Janeiro; a anunciada exposição de *números únicos* da colecção do nosso consócio n.º 3 462 Sr. António Fernandes da Silva, adiada por motivo de doença do expositor; e o projectado jantar do Fim do Ano, por, até perto do Natal, só se terem inscrito cerca de 60 convivas e haver dificuldade em cedência da sala.

O Boletim do nosso consócio «Clube dos Lisboetas de Lourenço Marques», no último número, comemorativo do seu aniversário, transcreveu do n.º 102 de OLISIPO o soneto «Alfama» do nosso Vice-Presidente da Assembleia-Geral e sócio fundador Sr. Teodoro Lopes Ramos, o que o Grupo oportunamente agradeceu.

Em 8 de Dezembro — por sugestão da nossa consócia Ex.ma Senhora D. Maria de Mello Breyner Gonzaga Ribeiro, que o Grupo patrocinou — foi solicitada à população lisboeta a iluminação interior

das suas janelas. À ideia foi dado particular relevo pela Imprensa e por diversas colectividades. Permitimo-nos destacar a Associação Lisbonense de Proprietários, o Grupo Desportivo do Pessoal da Fábrica Portugal e os jornais *A Voz, Novidades, Diário Popular,* a revista *Flama,* etc. O Grupo, nesse dia, teve iluminadas as suas janelas.

Como síntese da ideia transcreve-se parte do ofício enviado à Imprensa e que ao assunto se refere:

«... resolveu-se solicitar dos habitantes da cidade que iluminassem as suas janelas das fachadas, ou seja por dentro das vidraças haver luz, traduzindo vida e simultâneamente homenagem à festividade que passa nesse dia 8 de Dezembro; D. João IV consagrou a Nossa Senhora da Conceição, padroeira do País, o Governo instituiu, esse dia santo da Igreja católica feriado nacional e ùltimamente foi considerado o dia da Mãe, nome que para todos é sempre enternecedor.

Vimos por este meio, mais uma vez solicitar a extrema bondade de V. Ex.ª e do jornal da sua mui digna direcção a dar-nos o seu apoio e valiosa divulgação da ideia, o que, desde já, e mais uma vez agradecemos, visto ser a nossa finalidade, dar ao menos nesse dia, uma nota de ternura espiritual, nesta época tão sobrecarregada de materialismo.

E Lisboa, é no seu íntimo bem assim.»

Durante o trimestre não deixou nunca o Grupo de concorrer ou fazer-se representar nas principais funções públicas ou particulares realizadas na Cidade. Referimos particularmente a inauguração da estátua do Lisboeta ilustre que foi S. M. o Senhor Dom Carlos I, descerramento da lápide toponímica da Avenida Prof. Egas Moniz — prémio Nobel de Medicina —, inauguração da Fonte Luminosa em Belém e das novas instalações da estação do Correio, do Camões, conferência sobre «Parques Nacionais» do arquitecto paisagista e professor do Instituto Superior de Agronomia Eng. Francisco Caldeira Cabral, realizada na Sociedade de Geografia de Lisboa, comemorações da Associação Lisbonense de Proprietários, actividade cultural do Secretariado Nacional da Informação e Instituto de Cultura Italiano e inauguração do Ano Académico da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa (fundada em 1882). Nessas representações tomaram parte o nosso Presidente, os Directores Dr. Alberto Gomes e Eng. Júlio Eduardo dos Santos e os Consócios Senhora D. Maria da Luz de Aboim Wasa de Andrade e Sr. Francisco José Vitorino Gomes, que muito obsequiosamente auxiliaram o signatário.

*E. N.*

## Convocação da Assembleia-Geral

A fim de dar cumprimento ao que determina o Art. 17.º dos nossos Estatutos convoco a Assembleia-Geral Ordinária para reunir na sede, em 14 do corrente, pelas 21,30 horas, com a seguinte

ORDEM DA NOITE

— Discutir e votar os Relatórios anuais da Junta Directiva e Parecer da Comissão de Contas, e
— Eleição dos Corpos Orgânicos para o triénio de 1964/1966.

Não comparecendo número suficiente de sócios para que a Assembleia-Geral possa funcionar fica a mesma desde já convocada para reunir com qualquer número de sócios no dia 30 no mesmo local e à mesma hora.

Lisboa, 2 de Janeiro de 1964.

A BEM DE LISBOA

O Presidente da Assembleia-Geral

(a) *Prof. Doutor Raul de Carvalho*

Chama-se a atenção dos Ex.mos Consócios para a reunião de 30 de Janeiro, às 22 horas, visto tratar-se da escolha dos novos Corpos Directivos que, no próximo triénio, terão de gerir o Grupo e orientar a sua actividade.

## FICHEIRO

### 6. *Sport Clube do Intendente*

Na sobreloja daquele vetusto prédio em que uma placa assinala ter sido residência do célebre Intendente Diogo Inácio de Pina Manique e onde, em 30 de Junho de 1805, morreu o fundador da Casa Pia de Lisboa, — então instalada no Castelo de S. Jorge, — e a quem se deve aquela memória no largo que se chama do Intendente Pina Manique, está instalado o «Sport Clube do Intendente», nas mesmas dependências anteriormente ocupadas pelo já extinto «Clube Tauromáquico Manuel dos Santos».

Fundado em 1 de Junho de 1933, dedica-se a diversas modalidades desportivas, tem uma biblioteca com centenas de volumes que são facultados aos sócios para leitura domiciliária, dedicando-se também à beneficência vestindo anualmente mais de meia centena de crianças pobres, a todas fornecendo nesse dia uma refeição, bem como às pessoas de família que as acompanham.

Já teve o Clube o seu Núcleo de Teatro, onde se revelou, não como fadista, Anita Guerreiro, conforme o assinala uma placa existente numa das salas da sede, figurando com o seu nome próprio e destacando-a como apreciada amadora da Arte de Talma.

Entre as actividades culturais proporcionadas pelo «Sport Clube do Intendente» à sua população associativa, é de justiça assinalar que, integrada num ciclo de conferências proferidas nos diversos bairros citadinos por feliz iniciativa da «Federação das Colectividades de Cultura e Recreio» de colaboração com os «Amigos de Lisboa» e o patrocínio do jornal «O Século», o Sr. Doutor Eduardo Neves, ilustre Secretário-Geral do Grupo «Amigos de Lisboa», realizou em Abril de 1940, no salão daquele Clube, uma conferência intitulada «Do Sítio do Intendente», trabalho de que foi editada uma separata e que faz luz sobre erradas versões divulgadas acerca da utilização de algumas dependências da última residência do Intendente-Geral da Polícia, Diogo Inácio de Pina Manique.

### 7. *Casa do Alentejo*

Em 10 de Junho de 1923, um grupo de alentejanos radicados na capital deliberou fundar o «Grémio Alentejano», que até à sua instalação no primeiro andar do Palácio Ludovice, em S. Pedro de Alcântara, teve sede provisória na do «Lisboa Clube», existente no mesmo bairro, até 30 de Janeiro de 1927, data

em que ocupou festivamente a sua primeira sede.

As evidentes necessidades de expansão aconselharam instalações mais amplas e, em 2 de Maio de 1932, a «Casa do Alentejo» — designação que mais tarde teve que adoptar — foi ocupar as sumptuosas dependências do Palácio de S. Luís, nas Portas de Santo Antão, onde existiu o Monumental Clube.

A sua acção cultural tem sido desenvolvida por meio de conferências, congressos da Imprensa Alentejana, concertos, teatro, serões regionais, não esquecendo a exibição de alguns grupos corais da sua província.

Na sua vasta obra de assistência destaca-se um posto clínico onde um grupo de médicos atende os alentejanos mais carecidos, aos quais fornece também medicamentos, sem esquecer outros casos de auxílio solicitado, cuja finalidade envolve a solução de problemas respeitáveis. Patrocina também, junto das autoridades respectivas, a solução de problemas de interesse local, num sentido de valorização do Alentejo.

Em 23 de Abril de 1935 fundou o seu *Boletim*, publicação mensal, cuja acção regionalista tem sido digna.

Tal é a importante acção da Casa do Alentejo que tem como lema: «*Todos pelo Alentejo e o Alentejo pela Pátria*».

## 8. *A Voz do Operário*

Fundada em 13 de Fevereiro de 1883, principalmente para manter o jornal *A Voz do Operário* que, como órgão da classe, foi lançado aos ventos da publicidade em 11 de Outubro de 1879 pela «Associação de Socorros Mútuos União Fraternal dos Operários do Tabaco», a «Sociedade de Instrução e Beneficência A Voz do Operário», — de que foi principal fundador o operário tabaqueiro Custódio Brás Pacheco, — teve a sua primeira sede na casa do Beco do Fróis, ao Menino Deus, onde em 1879 se fundou o Jornal de que veio a adoptar o nome. As necessidades da sua natural expansão impuseram uma sucessão de sedes, sendo a segunda na Calçada de S. Vicente, n.º 28-1.º, a terceira no 1.º andar do n.º 68 da mesma artéria, a quarta no n.º 1 do Largo do Outeirinho da Amendoeira e, finalmente, a sua sede própria na antiga rua da Infância — em terreno cedido pelo Estado e que fazia parte da Cerca das Mónicas.

Procedeu ao lançamento da primeira pedra para a construção do belo edifício que se ficou devendo ao saudoso e notável artista que foi o Arquitecto Norte Júnior, o Sr. Doutor Manuel d'Arriaga, primeiro Presidente da República, em acto solene realizado em 13 de Outubro de 1912.

Solenizando o primeiro cinquentenário da histórica data, realizou na sede do Grupo «Amigos de Lisboa», na noite de 12 de Novembro de 1962, o Sr. Doutor Eduardo Neves, ilustre Secretário-Geral do aludido Grupo, uma conferência, notável bosquejo histórico da popular instituição que é «A Voz do Operário».

Porque esse notável trabalho foi publicado no n.º 101 do OLISIPO, já os leitores conhecem a vasta obra de instrução e beneficência devida à Sociedade fundada há 80 anos no velho bairro de Alfama, onde sempre tem assistido.

*Z. S.*

## Antigos jornais desportivos publicados em Lisboa

*Tiro e Sport* — intitulava-se a revista quinzenal com noticiário de desportos e actualidades sociais. A redacção estava na Calçada de S. Francisco, 6-2.º.

Saiu a primeira revista em 15 de Janeiro de 1904, porém com o número 274, porque sucedia aos jornais *Tiro Civil* e *Revista de Sport*. O *Tiro Civil* começou a sua publicação em 1894.

Justamente a primeira revista do *Tiro e Sport* continha 16 páginas de artigos de palpitante interesse para o momento, abundantemente ilustradas com fotografias da visita de Afonso XIII, do *Salon* automobilístico de 1903 em Paris nas instalações da Casa Peugeot e ainda de uma caçada real em Vila Viçosa.

Outra interessante publicação desportiva foi *O Sport*, com redacção e administração na Travessa do Terreiro de Santa Catarina, 9-4.º D. Dedicava-se à velocipedia e o seu director, Augusto Rato, também tomava conta de uma secção de automobilismo. Principiou a publicar-se em 15 de Novembro de 1902 e sucedeu a *O Cyclista* publicado a partir de 1900.

*O Sport* passou em 11 de Setembro de 1904 para a direcção de J. Nobre Martins, antigo secretário, intitulando-se: *O Sport — semanário ilustrado*. Apresentava também aspecto gráfico todo diferente, mas em 30 de Abril de 1905 tornou-se *Revista Semanal Ilustrada de Sport, Educação Física, Tauromaquia, Teatro e Arte*. Como se vê, tratava-se de uma publicação de fôlego!

O editor era Artur Ferreira e a sua redacção situava-se na Rua Ivens, 31.

Ainda o *Pedestrianismo*, um jornal modesto mas bastante simpático, visto tratar-se do órgão mensal do Club-Sports Atléticos e por, como o seu título indicava, dedicar bastante atenção ao excursionismo a pé e por outros meios, salvo em camionetas com garrafões e pandeiretas — isso era praga que ainda não tinha caído neste vale de lágrimas!

O *Pedestrianismo* era redigido na Rua da Barroca, 47-2.º e tinha por proprietário e redactor Carlos Vieira d'Almeida. O primeiro número saiu a 8 de Maio de 1898 e dois dias depois foi apresentado pelo Vieira d'Almeida na Biblioteca Nacional um requerimento de registo da propriedade do jornal.

Este jornal custava 40 réis!

*M. Mendes*

## «Feira da Ladra»

IV

Outro exemplar da actividade de Lisboa em tempos passados e não longínquos se apresenta aqui documentado com um pitoresco bilhete-postal ilustrado, talvez mesmo ilustradíssimo. Em uma face apre-

senta uma composição «artística» com 4 bandeiras, a nacional, a inglesa, a francesa e a brasileira, tudo formando fundo a um escudo sobrepujado por uma coroa; uma fita que passa por debaixo com a sua inscrição deslinda o mistério das bandeiras: Colégio Internacional de

Lisboa. A sede era em Lisboa, na quinta da Nazaré no Lumiar e em algumas linhas impressas se convidavam os interessados a uma visita. Ver e Crer...

No verso o espírito prático da Direcção reduzia o trabalho dos interessados a escrever o seu endereço e pedir informações completas para admissão dos «meninos» a educar e a instruir nos cursos do liceu, comércio, etc., como internos ou semi-internos, servindo-se do mesmo postal.

Este colégio já não existe; o postal circulou em mil novecentos e tal. Na colecção de curiosidades que *Alguém* ajuntava desde que se tratasse de Lisboa ainda há alguma coisa mais a apresentar neste lugar da Feira. A seu tempo aparecerá: são pequenos documentos de Lisboa saloia, ingénua, simplória sem pretensões, onde os arranha-céus, como o metropolitano, nem sequer eram aspirações. São pequenos documentos coevos, pobres mas eloquentes e sobretudo curiosos. A sua cópia fotogravada é por isso indispensável.

*Gilberto Monteiro*

# ACÇÃO CULTURAL

## *durante o ano de 1963*

### COLÓQUIOS OLISIPONENSES

**Janeiro**

30 – Com a colaboração do consócio n.º 2 716 Sr. Coronel José Ribeiro da Costa Júnior, que dissertou sobre a vinda a Lisboa do *Rancho Folclórico de Paredes*, referindo, a propósito, que naquela vila teve o conde D. Henrique o seu primeiro Solar.

**Fevereiro**

14 – Com a colaboração do sócio n.º 2 197 Sr. Nuno Catarino Cardoso e director Sr. Alfredo Ferreira do Nascimento que dissertaram, respectivamente, sobre a *Vida e obra de Luís de Camões* e a *Cor de Alfama*.

**Março**

14 – Com a colaboração dos directores srs. Doutor Eduardo Neves e Eng. Júlio Eduardo dos Santos, dissertando o primeiro sobre *Lisboa e lisboetas em livros velhos de autores antigos*, e o segundo sobre *Artistas lisboetas seus contemporâneos, designadamente Mário de Sá Carneiro*.

### CONFERÊNCIAS

**Abril**

25 – O *Museu de Arte Sacra da Misericórdia de Lisboa*, pelo consócio n.º 1 657 Sr. Dr. José Garrido Mendes da Cruz.

**Maio**

16 – *Uma valiosa capela desconhecida do grande público*, pela consócia n.º 2 082 Sr.ª D. Maria Cabedo Cardoso.

**Junho**

6 – *Lisboa berço do maior Santo da Cristandade*, pelo Sr. António Penna Peralta.

20 – *Uma casa de Alfama*, pelo consócio n.º 489 Sr. Dr. Paulo Gustavo Caratão Soromenho.

**Dezembro**

12 – *Frei Bartolomeu dos Mártires, natural de Lisboa*, pelo director Secretário-Geral Sr. Doutor Eduardo Neves.

## EXPOSIÇÕES

**Janeiro**

26 – Inauguração da *Exposição de postais olisiponenses*, da colecção do consócio n.º 3 188 Sr. Marcial Pereira Mendes.

**Junho**

13 – Inauguração da *Exposição Antoniana*, com espécimes do Grupo e de seus associados.

**Julho**

20 – Inauguração da *Exposição de Leques Antigos*, da colecção do director Secretário-Geral Sr. Doutor Eduardo Neves.

**Novembro**

9 – Inauguração da *Exposição de postais com motivos de Teatro*, da colecção do consócio n.º 3 188 Sr. Marcial Pereira Mendes.

## PROJECÇÃO DE FOTOS

**Maio**

30 – Projecção de *fotos a cores, de Lisboa e arredores* e das *Ilhas da Madeira e S. Miguel*, da colecção do consócio n.º 2 324 Sr. Alberto Schmidt.

## SESSÃO DE HOMENAGEM

**Julho**

11 – À memória do antigo director Sr. Coronel José Maria Sardinha Pereira Coelho, em que falaram os Srs. director Secretário-Geral Doutor Eduardo Neves e Coronel Mário Pereira Coelho, nosso consócio n.º 382 e irmão do homenageado.

## VISITAS DE ESTUDO

**Janeiro**

27 – À *Basílica de Nossa Senhora dos Mártires*, dirigida pelo director Secretário-Geral Sr. Doutor Eduardo Neves.

**Fevereiro**

2 e 10 – Ao *Laboratório Nacional de Engenharia Civil e Pavilhão da Fundação Gulbenkian*, dirigidas pelo Sr. Avelar Soeiro.

**Março**

3 – Ao *Antigo Palácio dos Galvões Mexias, (da Pimenta)*, dirigida pelo nosso consócio n.º 801, e Chefe de Repartição da Câmara Municipal de Lisboa, Sr. Dr. Joaquim da Silva Pinto.

10 – Ao *Palácio Nacional de Queluz*, dirigida pelo seu Conservador o Pintor de Arte Sr. Boaventura Porfírio.

24 – Ao *Museu Agrícola do Ultramar*, dirigida pelos Srs. Rogério Dias Pereira e António Soares, funcionários superiores do Museu.

**Abril**

20 e 27 – À *Fábrica de Cervejas Estrela*, dirigidas pelo Sr. José Meneses Duarte.

28 – À *Escola Técnica Manuel da Maia*, dirigida pelo respectivo Director Sr. Dr. Jorge Valadas e Professores Srs. Dr. Joel de Mascarenhas, António Machado Ferreira e Dr.ª D. Noémia Paixão.

**Maio**

5 – À *Fábrica de Cervejas Estrela*, dirigida pelo Sr. José Meneses Duarte.

11 e 12 – Ao *Silo Portuário de Lisboa*, dirigidas pelo Eng. Sr. Fragoso de Almeida.

24 – À *Nova Fábrica de Tabacos*, da nossa associada n.º 1 260, Companhia Portuguesa de Tabacos, dirigida pelos Srs. Serra e Moura, Eng. Vasco Cruz e Dr. Manuel Vicente Moreira, também nosso associado n.º 648.

**Junho**

23 – Em Vila Franca de Xira, ao *Silo e Estação de Selecção de Sementes*, da Federação Nacional dos Produtores de Trigo, dirigida pelo Sr. Eng. Álvaro Fernandes de Sousa Franco, *Jardins da Quinta do Cabo, Capela do Senhor Jesus da Boa Morte, Museu-Biblioteca e Jardim Constantino Palha*, dirigida pelo Vice-Presidente da Câmara Municipal Sr. Dr. António José Baptista Vidal, e ao edifício da *Patriarcal*, da Companhia das Lezírias, dirigida pelo Sr. Eng. Calheiro Martins.

**Julho**

21 – Às *Grutas da Serra de Santo António* e almoço em Alcobaça, nos *Corações Unidos*.

**Agosto**

2 – A «Alfama à noite», organização de *Claras & Irmão* e do nosso consócio n.º 3 412 Sr. Leonel Coelho.

**Novembro**

22 – Às instalações fabris da *TOFA — Torrefacção de Cafés de Portugal, S. A.*, em Linda-a-Velha, dirigida pelos Srs. Rui Soares Franco, Miranda Esteves, Manuel Alegria, António Varela, João Torrado e Pires Lopes.

# Sócios admitidos no 2.º semestre de 1963

3 451 — Ayres Nunes — *Capitão da Marinha Mercante.*

3 452 — D. Fernanda Maria da Cruz de Oliveira e Souza

3 453 — Adriano Mário da Cunha Lucas — *Engenheiro Electrotécnico.*

3 454 — José da Cruz Filipe — *Professor de Ortofonia, surdos-mudos e Foniatria.*

3 455 — Artur Martinho Simões — *Funcionário público, aposentado.*

3 456 — Nestor Raimundo Oliveira Fatia Vital — *Funcionário dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante.*

3 457 — Carlos Ferrão — *Jornalista.*

3 458 — Francisco Pereira de Lacerda Machado — *Coronel de Artilharia.*

3 459 — Mário Dionísio Lopes Galriça — *Empregado de escritório.*

3 460 — José Alexandre Marques Duarte — *Industrial.*

3 461 — Guilherme de Oliveira Santos — *Proprietário.*

3 462 — António Fernandes da Silva — *Contabilista.*

3 463 — D. Assunção Lopes Gonçalves Santos.

3 464 — António de Melo Guimarães Ferreira — *Engenheiro-agrónomo.*

3 465 — Eduardo Damas — *Autor teatral.*

3 466 — João de Sousa Duarte — *Oficial da Armada.*

3 467 — D. Edith Bensaúde.

3 468 — D. Lucília Soares de Mello Osório.

3 469 — D. Maria Borges Barata.

3 470 — Jorge da Cunha — *Agente comercial.*

3 471 — D. Nicole Agnés Frèches.

# OFERTAS

Do falecido consócio Sr. José Francisco d'Oliveira — encontrados no seu espólio com indicação de serem entregues ao Grupo:

Sete sobrescritos comemorativos dos primeiros dias de circulação de várias emissões de selos.

Um postal documentando a presença em Fátima do Cardeal Ângelo Roncalli, futuro Papa João XXIII.

Do sócio n.º 3 188, Sr. Marcial Pereira Mendes:

Um álbum de vistas de Lisboa, Sintra e Cascais.

Do sócio n.º 1 886, Doutor Gilberto Diocleciano Cardoso Monteiro:

Uma curiosa colecção de fotografias e postais estereoscópicos de assuntos olisiponenses.

Uma série de fotografias, postais, cartões de Boas-Festas e outros cromos com assuntos olisiponenses.

20 plantas, guias e programas de festas olisiponenses.

Álbum de fotografias do Hospital de Doenças Infecto-Contagiosas de Lisboa, editado pela Livraria Ferin sob fotos de Feyo e Castro.

Alguns recortes de imprensa e reclamos comerciais com assuntos e gravuras olisiponenses.

*Guide Médical de Lisbonne pour 1906* (XV Congrés Internationalle de Médecine).

Recortes de jornais com opiniões sobre «Como há-de ser o Monumento a Nun'Álvares».

Do sócio-fundador n.º 84, Vice-Presidente da Assembleia-Geral, Sr. Teodoro Lopes Ramos:

Um importante e curioso manuscrito com 74 páginas, intitulado *Nos primeiros vinte e cinco anos dos «Amigos de Lisboa»*, da sua autoria e para oportuna publicação.

Do Sr. Arquitecto Eduardo Martins Bairrada:

Um desenho — *Santo António de Lisboa* — com 16 × 8 cm, *ass.* Bairrada, 1963; com dedicatória.

Do sócio, n.º 2 681, Comandante Jaime do Inso:

Uma fotografia 17×21 cm da «Feira Franca» na Avenida da Liberdade em 1898 por ocasião das festas do Centenário da Descoberta do Caminho Marítimo para a Índia.

*Muito se agradece*

DESCONTOS OFERECIDOS

(mediante apresentação do bilhete de identidade de sócio)

*Casa Alemã* — Rua da Palma, 33-35:

Porcelanas, faianças, vidros, louças e talheres — Desconto de 15 %.

*João António Rodrigues & C.ª* — Rua Augusta, 76 a 80:

Lanifícios, sedas e veludos: 20 % nos lanifícios e 15 % nas sedas.


# Grémio dos Armadores de Navios de Pesca do Bacalhau

ORGANISMO CORPORATIVO

Criado pelo decreto-lei número 26 106, de 23 de Novembro de 1935, ao qual compete fomentar a Indústria da Pesca do Bacalhau

# LIVROS

## *EDIÇÕES DO GRUPO E DOS SÓCIOS*

### VÁRIA

| | PREÇOS Sócios | Público |
|---|---|---|
| * Evocação do Café Martinho | esgotado | |
| * Noite de evocação do Leão de Ouro | 13$50 | 15$00 |
| * Urbanização de Lisboa | 4$50 | 5$00 |
| * Lisboa de ontem e de hoje do Sr. Rocha Martins | esgotado | |
| * Olisipo (estão esgotados os números 1, 2, 8, 9, 10, 11, 14, 15, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 24, 27, 34 e 43)... cada, dos que existem, | 18$00 | 20$00 |
| * Evocação do Café-Restaurante Tavares | esgotado | |
| * Jantar de Confraternização na Casa do Leão | » | |
| * A cor de Lisboa | 13$50 | 15$00 |

### ENG. A. VIEIRA DA SILVA

| | | |
|---|---|---|
| * O Castelo de S. Jorge | 13$50 | 15$00 |
| * A Ponte de Alcântara | 13$50 | 15$00 |
| * Os Paços dos Duques de Bragança em Lisboa | esgotado | |
| * Fantasias sobre a origem do nome de Lisboa | 13$50 | 15$00 |

### DR. ALFREDO DA CUNHA

| | | |
|---|---|---|
| * Olisipo berço do periodismo português | 13$50 | 15$00 |

### ALFREDO FERREIRA DO NASCIMENTO

| | | |
|---|---|---|
| Algumas achegas para a História da Defesa de Lisboa | 13$50 | 15$00 |
| Os Banhos da Rocha do Conde de Óbidos | 13$50 | 15$00 |
| O Quartel de Campolide | 13$50 | 15$00 |
| O Quartel do Regimento do Conde de Lippe | esgotado | |
| A Torre do Bugio | 18$00 | 20$00 |

### DR. AMADEU FERREIRA DE ALMEIDA

| | | |
|---|---|---|
| Dicionário Excêntrico | 36$00 | 40$00 |

### DR. ANTÓNIO DE QUADROS FERRO

| | | |
|---|---|---|
| O Enigma de Lisboa | 7$00 | 7$50 |

### ANTÓNIO RIBEIRO DA SILVA E SOUSA

| | | |
|---|---|---|
| * A Igreja e o Sítio de Santo Estêvão | 13$50 | 15$00 |
| * O Campo de Santa Clara | 13$50 | 15$00 |
| * Ronda e Silva de Lisboa Velha | 9$00 | 10$00 |
| * Bagatelas de tempo vário | 9$00 | 10$00 |

### DOUTOR EDUARDO NEVES

| | |
|---|---|
| Uma recordação sebástica no Sítio da Luz | esgotado |
| Um arcebispo Primaz | » |
| João Alberto Pereira de Azevedo Neves | » |
| Um desenho à pena da autoria de Júlio de Castilho | » |

* Edição do Grupo.

| DOUTOR EDUARDO NEVES | PREÇOS Sócios | Público |
|---|---|---|
| * Ruínas do Carmo | esgotado | |
| * Igreja da Penha de França | » | |
| * Faculdade de Medicina | » | |
| Lisboa nos Ex-Libris | » | |
| Lisboa na Numismática e na Medalhística | » | |
| O Convento dos Barbadinhos Italianos | » | |
| Do Sítio do Intendente | » | |
| Lisboetas na Índia e Luso-Indianos em Lisboa | » | |
| Alocuções | » | |
| * Homenagem a Matos Sequeira | » | |
| Dos selos pendentes do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa — Um notável selo de 1580 | 15$00 | 20$00 |
| Um Pintor Romântico Francês em Lisboa, em 1837 | esgotado | |
| A Propósito do 50.º Aniversário do Lançamento da Primeira Pedra do Edifício da Sociedade «A Voz do Operário» | fora do mercado | |

**F. A. GARCEZ TEIXEIRA**

| | | |
|---|---|---|
| * A Irmandade de S. Lucas | 13$50 | 15$00 |

**FRANCISCO LEITE DE FARIA**

| | | |
|---|---|---|
| Lisboa e S. Lourenço de Brindes | 13$50 | 15$00 |
| Alvoroço na Lisboa setecentista à volta do Barbadinho Frei André de Búrgio | 13$50 | 15$00 |
| A Morte de S. Lourenço de Brindes e as homenagens que Lisboa lhe prestou | 13$50 | 15$00 |

**FRANCISCO DE OLIVEIRA MARTINS**

| | | |
|---|---|---|
| O Colégio de «Jesus» dos Meninos Órfãos da Mouraria | 18$00 | 20$00 |
| O Romance de Almeida Garrett nesta Lisboa | 18$00 | 20$00 |

**DR. GILBERTO MONTEIRO**

| | | |
|---|---|---|
| Esboço histórico do Hospital de Belém | esgotado | |
| D. Gilberto | 13$50 | 15$00 |

**GODOFREDO FERREIRA**

| | | |
|---|---|---|
| Um ricaço lisboeta do século XVII | esgotado | |

**GUSTAVO DE MATOS SEQUEIRA**

| | | |
|---|---|---|
| * Lisboa (Comédia) | 18$00 | 20$00 |

**HENRIQUE LINHARES DE LIMA**

| | | |
|---|---|---|
| Vultos e sombras medievais | 45$00 | 50$00 |

**HUGO RAPOSO**

| | | |
|---|---|---|
| Primeiro circuito da Lisboa Moderna em transporte colectivo | 9$00 | 10$00 |
| Norberto de Araújo e o Inventário de Lisboa | esgotado | |

* Edição do Grupo.

| | PREÇOS Sócios | Público |
|---|---|---|
| **J. S. VIEIRA** | | |
| O Convento dos Marianos ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| **JOÃO MONTEIRO** | | |
| * Estrada de Sacavém ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 27$00 | 30$00 |
| **JOAQUIM ROQUE DA FONSECA** | | |
| A Urbanização de Lisboa ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 13$50 | 15$00 |
| **JULIETA FERRÃO** | | |
| Lisboa 1870 ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| **ENG. JÚLIO EDUARDO DOS SANTOS** | | |
| Exposição Bibliográfica Antoniana — Estoril, 1960 ... ... ... ... | 9$00 | 10$00 |
| Exposição Bibliográfica de Afonso Lopes Vieira — Primavera de 1962 ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| Catálogo [ilustrado] da Exposição Iconográfica e Bibliográfica de Santo António — Estoril, 1963... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| **DR. LEOPOLDO DE FIGUEIREDO** | | |
| O Convento de N. S. dos Remédios — Convento dos Marianos, sua história e seus mausoléus... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| **LUÍS MOITA** | | |
| * A Ermida de Santo Amaro ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| O Metropolitano e as «Sete Colinas» Olisiponenses ... ... ... ... | 7$00 | 7$50 |
| Santiago Rosiñol e a «Alegria que Passa» ... ... ... ... ... ... ... | 12$50 | 12$50 |
| **LUIZ PASTOR DE MACEDO** | | |
| * Ascendentes de Camilo ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 13$50 | 15$00 |
| **LUÍS TEIXEIRA** | | |
| O «Diário de Notícias» e o Século XIX ... ... ... ... ... ... ... ... | 4$00 | 5$00 |
| **DR. MANUEL VICENTE MOREIRA** | | |
| Jardins de Lisboa e Porto ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 9$00 | 10$00 |
| Lisboa Oriental ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 4$00 | 5$00 |
| O Problema da Habitação ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 27$00 | 30$00 |
| **MÁRIO COSTA** | | |
| Da Rua Nova à Rua dos Capelistas ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| Duas Curiosidades Lisboetas — O Balão do Arsenal e o Tiro da Escola Politécnica ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 13$50 | 15$00 |
| A Patriarcal Queimada ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| O Palácio do Manteigueiro ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| O Palácio Barcelinhos e o seu antecessor o Convento do Espírito Santo da Pedreira ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| Uma quermesse de caridade na Real Tapada da Ajuda ... ... ... | 36$00 | 40$00 |
| O Sítio de Santo Amaro ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| Duas facas de mato notáveis ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | » | |

* Edição do Grupo.

| | PREÇOS Sócios | Público |
|---|---|---|
| Festas do Casamento da Infanta D. Catarina de Bragança com Carlos II de Inglaterra ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| A Igreja de S. Julião e o seu Patrono — Uma freguesia que Lisboa perdeu... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | » | |
| No Centenário da Morte de El-Rei D. Pedro V ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| O Simbolismo do Ramo de Louro ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |

**MÁRIO DE SAMPAYO RIBEIRO**

| | | |
|---|---|---|
| * A Igreja da Conceição Velha ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |
| * A Igreja e o Convento da Graça ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 13$50 | 15$00 |
| Do Sítio do Restelo e das suas Igrejas de St.ª Maria de Belém | 45$00 | 50$00 |
| A propósito da inscrição sepulcral do fundador da Ermida de N. S. da Oliveira, de Lisboa ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |
| A Calçada da Ajuda ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |

**NORBERTO DE ARAÚJO**

| | | |
|---|---|---|
| * Pequena Monografia a S. Vicente... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 9$00 | 10$00 |

**NUNO CATHARINO CARDOSO**

| | | |
|---|---|---|
| Infante D. Henrique — Nótulas históricas ... ... ... ... ... ... ... | 9$00 | 10$00 |

**PROF. PEDRO JORGE PINTO**

| | | |
|---|---|---|
| A Acrópole de Lisboa (litografia de arte)... ... ... ... ... ... ... | 135$00 | 150$00 |

**RUY DE ANDRADE**

| | | |
|---|---|---|
| * Como o artista Alfredo de Andrade encarava alguns problemas da edilícia citadina ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... ... | 9$00 | 10$00 |

**DR. RUY DIQUE TRAVASSOS VALDEZ**

| | | |
|---|---|---|
| Subsídios para Heráldica Tumular Moderna Olisiponense... ... ... | 45$00 | 50$00 |
| A Quinta da Torrinha ao Vale do Pereiro ... ... ... ... ... ... ... | 18$00 | 20$00 |

**ROBERTO DIAS COSTA**

| | | |
|---|---|---|
| A Paróquia de S. Jorge de Arroios ... ... ... ... ... ... ... ... ... | esgotado | |

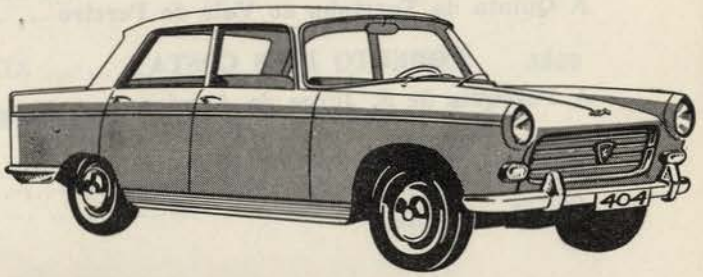
***TINOP***

| | | |
|---|---|---|
| * Lisboa de Outrora, 2.º e 3.º vols. ... ... ... ... ... ... ... cada | 13$50 | 15$00 |

* Edição do Grupo.

# 403

## 2 carros da mais alta qualidade




# 404

**Mocar Lda.,** AVENIDA ANTÓNIO AUGUSTO DE AGUIAR, 19-A — LISBOA

*BERTRAND (IRMÃOS), LDA.*

Artes Gráficas

FOTOGRAVURA
TIPOGRAFIA
LITOGRAFIA
ROTOGRAVURA
"OFFSET" - DESENHO

Travessa da Condessa do Rio, 7

Telef. 321368 - 321227 - 30054 — LISBOA

A

**LEGAL & GENERAL**

*agradece aos*

«AMIGOS DE LISBOA»

*a preferência que lhe têm dado, para os seus contratos de seguros*

Capital e Reservas:

**550 MILHÕES DE LIBRAS**

CORRESPONDENTE:

Rua da Madalena, 80, 1.º — LISBOA

**E. Pinto Basto & C.ª, Lda.**

LISBOA

TRANSPORTES
MARÍTIMOS
E AÉREOS

*AGÊNCIA DE TURISMO*

CARVÃO, SEGUROS
REPRESENTAÇÕES
(Industriais, etc.)
FOLHA DE FLANDRES
E AÇOS
EXPORTAÇÕES
IMPORTAÇÕES

**No Porto:**

**Kendall, Pinto Basto & C.ª, Lda.**

COMPRAMOS

*LIVROS DE BONS AUTORES*

Grandes e pequenas quantidades

**LIVRARIA «ECLÉTICA»**

Calçada do Combro, 58 • Telef. 32 86 63 • LISBOA

# AQUECIMENTO CENTRAL

## A GÁS DA COMPANHIA

**CONTÍNUO OU INTERMITENTE**

mais asseado
mais prático
mais económico

• **Se já tem instalação central**
Basta montar queimadores de gás ou substituir a velha caldeira.

• **Se a não tem**
faça uma instalação de circulação de água quente, normal, com uma caldeira para queimar **GÁS — o combustível de Lisboa**

**TARIFAS ESPECIAIS DE GÁS PARA CONSUMO EXCLUSIVO DE CALDEIRAS.**

**C.AS R.AS GÁS E ELECTRICIDADE - LISBOA**

# Companhia Nacional de Navegação

Sede: Rua do Comércio, 83 — LISBOA — Telefones 32 30 21 e 32 30 26
Sucursal: R. Infante D. Henrique, 63 — PORTO — Telefones 2 24 38 e 2 24 39

Serviço rápido de carga e passageiros para a África Ocidente e África Oriental, Oriente e Norte da Europa

UMA FROTA AO SERVIÇO DA NAÇÃO E DO IMPÉRIO

| Navios de passageiros | Tons. D. W. | Tons. desloc. |
|---|---|---|
| Príncipe Perfeito | 8.600 | 20.000 |
| Moçambique | 8.600 | 20.000 |
| Angola | 9.550 | 18.250 |
| Niassa | 9.706 | 16.330 |
| Quanza | 6.230 | 11.550 |
| Índia | 6.655 | 11.677 |
| Timor | 6.655 | 11.677 |
| Zambézia | 1.857 | 3.538 |
| Lúrio | 1.257 | 3.538 |

| Navios de carga | Tons. D. W. | Tons. desloc. |
|---|---|---|
| Beira | 12.332 | 18.230 |
| Sofala | 12.145 | 18.520 |
| Moçâmedes | 9.120 | 12.990 |
| Rovuma | 9.120 | 12.990 |
| S. Tomé | 9.050 | 12.550 |
| Nacala | 3.370 | 5.130 |
| Chinde | 1.543 | 2.592 |
| Angoche | 1.630 | 2.320 |

# SENA SUGAR ESTATES, LTD.

*PLANTAÇÕES E FÁBRICAS DE AÇÚCAR EM*

LUABO e MARROMEU

•

**PROVINCIA DE MOÇAMBIQUE**

# Pérola do Rossio

*Limitada*

Casa especializada em Chá, Café, Bolachas, Bombons e Chocolates

**Envio de encomendas**
**para**
**Todo o País e Estrangeiro**

Rossio, 105 · Lisboa : Telef. 32 07 44

# CASA AFRICANA

•

**PREÇOS FIXOS E MARCADOS EM TODOS OS ARTIGOS**

•

ON PARLE FRANÇAIS

•

ENGLISH SPOKEN

Secção de Alfaiataria e Camisaria para Homens e Rapazes. Modas e roupa branca para Senhoras e Crianças. Sedas e Veludos, Lãs, Malhas, Algodões, Cintas e Soutiens. Decorador-estofador. Peles confeccionadas e a retalho. Retrosaria. Luvaria, Perfumaria e todos os artigos para HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS

•

**Rua Augusta, 161** – Telef. 32 42 64 - 65 P. B. X.
**LISBOA**

**Rua Sá da Bandeira, 166** – Telef. 1361 P. B. X.
**PORTO**

**Edifício do Cruzeiro — ESTORIL**

# A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital e Reservas
Esc. 446.345.637$72

SEDE EM LISBOA
no
LARGO DO CHIADO, 8

**Agentes por**
*TODO O CONTINENTE*
*ILHAS E ULTRAMAR*

# COMPANHIA DE DIAMANTES DE ANGOLA

*(DIAMANG)*

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

*Com o capital de*

ESC. 294.100.000$00

•

Pesquisa e extracção de diamantes

na

PROVÍNCIA DE ANGOLA

em regime de exclusivo

•

*Sede Social:* LISBOA, Rua dos Fanqueiros, 12-2.º – Teleg. DIAMANG

Presidente do Conselho de Administração
e
Administrador-Delegado
*Com. Ernesto de Vilhena*

Presidente dos
Grupos Estrangeiros
*Le Baron Pierre Bonvoisin*

•

DIRECÇÃO-GERAL NA LUNDA
Director-Geral
*Eng. João Augusto Bexiga*

REPRESENTAÇÃO EM LUANDA
Representante
*Dr. Sílvio Guimarães*

NA LISBOA
DE ONTEM

E

NA LISBOA
DE HOJE

COMO, AFINAL, EM QUALQUER PARTE,
CONTRA A TOSSE:

# BENZO-DIACOL